

FUTEBOL A MAIOR EXPRESSÃO POPULAR DO BRASIL: MOVIMENTOS DECOLONIAISOtávio Nogueira Balzano¹Gilberto Ferreira da Silva¹**RESUMO**

Na América Latina, como em outras partes do mundo, o campo das ciências sociais faz parte das tendências neoliberais, imperiais e globalizantes do capitalismo e da modernidade. São tendências que posicionam o conhecimento científico ocidental como central, negando ou relegando ao status do não conhecimento, aos conhecimentos derivados de “outro lugar”. Este estudo descritivo com o viés na pesquisa bibliográfica, têm como objetivos descrever as razões da paixão do brasileiro pelo futebol, bem como à importância sociocultural deste esporte no Brasil. Além de revisitar movimentos de(s)coloniais, realizados pelas “pessoas de futebol” que possibilitaram uma leitura “outra” desse esporte. A pesquisa também pretende colaborar com o professor de Educação Física, na sua tarefa de ensinar o futebol, numa perspectiva “outra”, isto é, partindo de movimentos de(s)colonias relacionando com as vivências dos sujeitos envolvidos na construção do conhecimento, com vistas ao rompimento de um modelo hegemônico de ensino.

Palavras-chave: Futebol. Movimento de(s)coloniais. Educação Física.

ABSTRACT

Football the most popular expression in Brazil: decolonial movements

In Latin America, as in other parts of the world, the field of social sciences are part of the neoliberal, imperialists and globalizing tendencies of capitalism and modernity. Those are tendencies that make the western scientific knowledge as central, denying or relegating to the status of the non-knowledge, to the derivative knowledge from “another place”. This descriptive study is within the bibliographical research, has as goals to describe the reasons of the Brazilian passion for soccer, as the sociocultural importance of this sport in Brazil, and revisiting colonialist movements, made by the “soccer people” that allowed “another” reading of this sport. This research also intends to collaborate with the teacher of sport science, at his task to teach soccer, in an “another” perspective, starting from colony movements within the experiences of the subjects involved in the building of the knowledge, with led to the break of a hegemonic model of teaching.

Key words: Football. Colonialist's movement. Sport science.

1-PPGEdu UNILASALLE, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mails dos autores:
otaviobalzano@yahoo.com.br
gilberto.ferreira65@gmail.com

Endereço para correspondência:
Otávio Nogueira Balzano.
Rua costa, 361/804.
Bairro: Menino Deus. Porto Alegre-RS.
CEP: 90110-270.

INTRODUÇÃO

O aquecimento

Este artigo está estruturado como nos tempos de um jogo de futebol. Nesta parte (o aquecimento) faz-se a apresentação do trabalho, como se fosse a contextualização do jogo.

O futebol, nas últimas décadas, tornou-se tema de interesse de diversas áreas acadêmicas. A Educação Física, a Sociologia, a Antropologia e a História são áreas que, direta ou indiretamente, utilizam-se do tema “futebol” como objeto de pesquisas (Kunz, 2013).

Para os autores, a explicação para que isso esteja acontecendo, deve-se que esta modalidade esportiva, vem sendo um agente mobilizador de pessoas nesta sociedade moderna.

Sei que o futebol já foi considerado por alguns “intelectuais” como o “ópio do povo”, e carrega no meio esportivo, para além do futebol, o estigma de ser o esporte hegemônico no Brasil, desta forma, dificultando o crescimento de outros esportes.

O foco desse estudo está direcionado na perspectiva do futebol, como a “última paixão verdadeira do brasileiro e um dos mecanismos de mobilização social mais eficaz dos nossos dias” (Rinke, 2007, p.9).

Seguindo esta linha, a pesquisa pretende descrever ensejos e motivos que levaram e levam o brasileiro a ser um apaixonado pelo futebol.

E a partir desta perspectiva utilizar o futebol como uma proposta de ensino na Educação Física, em uma perspectiva sociocultural¹, corroborada com exemplos de movimentos de(s)coloniais^{2 3} no futebol.

¹ O fenômeno social do esporte (principalmente o futebol) deve ter a capacidade de colocar o praticante na situação dos outros participantes no esporte; ser capaz de propiciar a visualização dos componentes sociais que influenciam todas as ações sócio culturais no campo esportivo; além de poder desenvolver as competências da autonomia, interação social, bem como da competência objetiva. Com isso, em vez de ensinar os esportes (futebol) na Educação Física pelo simples desenvolvimento de habilidades e técnicas do esporte, deverão ser incluídos conteúdos de caráter teórico-prático que tornam o fenômeno esportivo transparente, permitindo aos alunos a melhor organização da realidade do esporte, dos movimentos e dos jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidades; a interação solidária e social em princípios de co e autodeterminação; e se expressar como ser corporal no diálogo com o mundo (Kunz, 2001).

Este estudo descritivo com o viés na pesquisa bibliográfica, têm o objetivo de revisitar movimentos de(s)coloniais, realizados pelas “pessoas de futebol”⁴ que possibilitaram uma leitura “outra”⁵ desse esporte.

² A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber. Walter Mignolo (2003) destaca que o pensamento-outro caracterizado como decolonialidade se expressa na diferença colonial, isto é, um reordenamento da geopolítica do conhecimento em duas direções: a crítica da subalternização na perspectiva dos conhecimentos invisibilizados e a emergência do pensamento liminar como uma nova modalidade epistemológica na interseção da tradição ocidental e a diversidade de categorias suprimidas sob o ocidentalismo e o eurocentrismo.

³ “A opção pelo termo “descolonial” e não “decolonial” no decorrer da pesquisa decorre não só de uma opção terminológica mas reflete uma escolha teórica e política do autor no que tange ao conteúdo político e epistemológico da discussão que envolve a utilização de um termo ou de outro no bojo desse campo de estudo. Para os autores que sustentam a necessidade de utilização da expressão “decolonial”, como Catherine Walsh, o prefixo “des” indicaria que os objetivos dessa corrente estariam sintetizados somente por meio da superação do colonialismo. Entretanto, no sentido político e estratégico, reconhece-se que a utilização do termo “descolonial” é mais utilizada nos artigos científicos traduzidos para o português de autores que utilizam a expressão “descolonização” não como simples superação do colonialismo, mas como síntese de uma ferramenta política, epistemológica e social de construção de instituições e relações sociais realmente pautadas pela superação das opressões e das estruturas que conformam uma geopolítica mundial extremamente desigual. Considera-se a utilização do prefixo “des” como estratégica porque, dada a baixíssima utilização desses autores e desse campo de estudo no campo jurídico, é necessário considerar de que maneira tais autores vem sendo traduzidos para a língua portuguesa. Apesar dessa ressalva estratégica, destaca-se que o debate em torno da “decolonialidade” ou “descolonialidade” é extremamente relevante e deve ser introduzido e aprofundado conforme as ideias e discussões vão se tornando mais presentes para a literatura jurídica brasileira.” Castilho, N. M. Pensamento descolonial e teoria crítica dos direitos humanos na América Latina: um diálogo a partir da obra de Joaquín Herrera Flores. (Dissertação). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2013. Disponível em <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/00000A/00000A6C.pdf> p.12-13 (nota de rodapé).

⁴ São jogadores, jornalistas, torcedores, árbitros e amantes do futebol -, sem distinção de raça, gênero ou orientação sexual, que tenham o interesse de construir um novo time. Onde todos possam ser escalados como jogadores, não apenas onze.

⁵ Os autores do grupo “Modernidade/Colonialidade” usam frequentemente expressões como: “pensamento-outro”, “conhecimento-outro”, etc. Neste contexto, a palavra “outro” quer se referir não somente a qualquer perspectiva alternativa, que pode estar inserida em uma lógica de fundo que não é posta em questão. Quer significar uma

E também colaborar com o professor de Educação Física, para que possa enisnar o futebol, numa epistemologia “outra”, partindo de movimentos de(s)colonias relacionando-os com as vivências dos sujeitos envolvidos na construção do conhecimento, na busca de um rompimento com o modelo hegemônico e tradicional de ensino⁶.

MATERIAIS E MÉTODOS

Considero que a Educação Física deve estar comprometida com o desenvolvimento de relações interpessoais, proporcionando vivências em que os relacionamentos sejam alicerce para o autoconhecimento, respeito às diferenças e compreensão, pensamento crítico e aceitação dos limites de cada um.

É fundamental que o professor de Educação Física conheça o corpo teórico que sustenta o seu campo de conhecimento e sua relação com as demais áreas, bem como o saber popular como parte do pensar e do fazer da ciência.

O texto está estruturado em cinco tópicos, incluindo o aquecimento.

No primeiro tempo descrevo sobre a paixão que o futebol exerce sobre as pessoas, principalmente nos brasileiros, e a importância sociocultural do futebol na sociedade brasileira.

No segundo tempo como a Educação Física pode apropriar-se desse esporte para uma prática “outra”, em uma perspectiva transformadora de ensino do futebol.

Na prorrogação discorro sobre a de(s)colonização do ensino do futebol, através de movimentos de(s)coloniais realizados pelas “pessoas do futebol”, na busca de um rompimento com o modelo hegemônico de ensino desse esporte.

E na decisão por pênaltis faço as últimas análises a respeito do tema proposto no estudo.

mudança de ótica, de lógica, de paradigma (Candau e Oliveira, 2010).

⁶ Conforme Mesquita (2013) as abordagens tradicionais falham em não proporcionar aos praticantes, participação e envolvimento ativo, não estimulando a compreensão do jogo e ao desenvolvimento do raciocínio tático. Pois segundo a autora, a prática baseada na repetição mecânica, ausente da resolução de problemas, conduz a um pensamento estereotipado, sem transferência para a prática do jogo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiro Tempo

Futebol a maior expressão popular do Brasil

O tema futebol tem uma trajetória marcada pela “marginalidade” científica e literária, sendo visto como um elemento alienante presente na cultura de massa. Neste sentido, Massolo (2002) coloca que existe um preconceito bem forte e arraigado no campo intelectual, influenciado pelo discurso da “inteligência”, para o qual, o futebol é atividade ligada à alienação, colocado no centro do populismo que bloqueia qualquer possibilidade de tomada de consciência de classe.

Para a “inteligência”, o futebol é ainda o ópio do povo, ou vinte dois homens correndo atrás de uma bola; não entendem o fascínio por esse esporte e a cultura que gira ao seu redor.

Na perspectiva do fascínio pelo futebol, Rinke (2007, p. 14) coloca que esse esporte é muito mais que uma habilidade corporal ou um treinamento: “O futebol é um enorme fato econômico, que configura estilos de vida e têm relevância política desde o início dos tempos. Aos olhos de muitos aficionados é a última paixão verdadeira”. Para o autor, o futebol seguramente é um dos mecanismos de mobilização social mais eficaz dos nossos dias.

Neste sentido Winisk (2008, p. 11), coloca que:

“... a onipresença do jogo de bola soa abusiva e irrelevante para quem acompanha a discussão cultural.

Assim, mais do que um desconhecimento recíproco entre as partes, pode-se falar, de fato, de uma dupla resistência. Viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele. Os pensadores, por sua vez, à esquerda ou à direita, na meia ou no centro, têm muitas vezes uma reserva contra os componentes anti-intelectuais e massivos do futebol, e temem ou se recusam a endossá-los, por um lado, e a se misturar com eles, por outro. O futebol como o nó cego em que a cultura e a sociedade se expõem no seu ponto ao mesmo tempo mais visível e invisível”.

O magnetismo do futebol atravessa barreiras, ele é cultuado e admirado em muitas partes do planeta, basta observar como as

peças se comportam em época de Copa do Mundo.

As sensações em assistir a um jogo de futebol são as mais variadas possíveis: raiva, apreensão, sofrimento, alegria. Tudo depende dos desencadeamentos dos fatos ao longo da partida, depende do desempenho de seu time, depende da perspectiva com que se assiste a um jogo. Para alguns, a derrota de seu time é motivo de insatisfação, brigas, verdadeiras guerras. Outras pessoas, ao assistirem ao jogo do time do coração, saem felizes, respeitam os torcedores adversários, sentem satisfação independente do que possa vir acontecer ao longo da disputa.

Segundo Giulianoti (2002), este esporte é amado por muitos, principalmente porque não necessita de luxo nem muito acessório, só é preciso algumas pessoas, uma bola e um espaço, as traves podem ser qualquer chinelo ou tijolo. Galeano (2002, p. 33), corrobora afirmando:

Como o tango, o futebol nasceu dos subúrbios. Era um esporte que não exigia dinheiro e podia ser jogado sem nada além da pura vontade. Nos baldios, nos becos e nas praias, os rapazes nativos e os jovens imigrantes improvisavam partidas com bolas de meias velhas, recheadas de trapos ou de papel, em um par de pedras para simular o arco.

Na linha da paixão pelo futebol, trago uma declaração de Pier Paolo Pasolini (1971) sobre o futebol, citado no livro de Wisnik, (2008), que também expressa o meu sentimento por esse esporte: "A sua paixão pelo futebol é uma paixão do real, sem afetações ou restrições moralistas. O futebol era para ele o terreno em que se dava ainda o grande teatro e o rito da presença, expondo ao vivo, em corpo e espírito, um largo espetro da escala humana. Sendo assim, uma zona de contatos lúdicos, primária e refinada, física e metafísica, que desafia e desencadeia o desnudamento da existência autêntica". (p. 15)

O futebol é uma reportagem do seu tempo. E quando contém os chamados "valores eternos", torna-se atemporal, perene, presente. O futebol brasileiro apresentou nosso país ao mundo, é parte da nossa personalidade coletiva, de nossos contornos. O Brasil é, sim, relevante. E boa parte do que somos é fruto de uma confluência de gerações e talentos futebolísticos únicos - de nossa

imagem às nossas características individuais e coletivas mais íntimas.

Rinke (2007) aponta que estudos realizados a respeito do futebol remetem a quatro fatores fundamentais para justificar a paixão por esse esporte: sua facilidade, o futebol pode se jogar em qualquer lugar, não é necessário um equipamento caro, apenas uma bola. As regras do jogo em geral são fáceis, e todos podem entender sem maiores problemas; sua ênfase está no corpo, com isso se faz referência a determinadas imagens e ideais masculinos; o entusiasmo e a emoção que provoca se expressa, sobretudo, pela vivência do povo, na qual pode ser interpretada como uma vivência de comunidade.

Ao mesmo tempo, o futebol é um espetáculo e serve de válvula de escape para o excesso de agressividade; e seu caráter de ritual, através das repetições semanais das partidas, o "compromisso" de ir aos estádios para torcer pelo seu time, o ritmo anual dos torneios, os cantos, as vestimentas, os movimentos coletivos das torcidas, têm grande poder de fascinação. Esses aspectos segundo o autor, valem para boa parte do mundo, sendo observado com mais intensidade na América Latina.

Conforme Rinke (2007), o futebol é muito mais que a prática de um jogo, é muito mais que um produto que se consome. O futebol é um espetáculo sobre o qual se pensa muito e também se discute bastante.

Segundo DaMatta (1982), é fundamental que se visualize o futebol além do seu caráter funcional, pois só desta maneira, torna-se possível compreender a função política e social deste esporte que acaba trazendo à tona várias tensões sociais.

Para o autor, o jogo de futebol é um momento claramente demarcado da vida em sociedade, o que permite ao futebol vincular muitos problemas fundamentais e, não obstante ser apenas um jogo, sendo esse um ponto central na importância das atividades esportivas para as sociedades modernas. Conforme Da Matta, a popularidade do futebol no Brasil, aconteceu porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais com emoções e sentimento concretamente vividos.

O brasileiro foi um dos povos que mais incorporou a cultura futebolística no seu dia a

dia. Milan (1989) traduz essa ideia com as seguintes palavras:

Sentir-se, por exemplo, querido ou cobiçado, garante que o outro lhe deu bola". Se tiver enganado o opositor, vangloria-se com o verbo "driblar". Tendo se enganado, confessa que "pisou na bola". Se excluído de atividade ou grupo, está "fora da jogada. Se em dificuldade, mas com intenção de vencer, "vai derrubar a barreira" e ele então chama "bola pra frente".

Caso, no entanto, abrir mão da luta, anuncia que "tira o time de campo". Ameaça aposentar-se "pendurando as chuteiras", seja do homem ou da mulher. Milan (1989, p. 5).

Seguindo esta linha de pensamento, o homem brasileiro comporta-se na vida como num jogo de futebol, com chances de ganhar ou perder e às vezes empatar, tendo que se defrontar com adversários, tendo que respeitar certas regras, mantendo respeito por uma autoridade (juiz), jogando dentro de um tempo e de um espaço, marcando e sofrendo gols, fazendo jogadas de categoria e cometendo erros fatais.

Após uma derrota, sempre a chance de recuperar-se no próximo jogo. O futebol é uma maneira do homem extravasar emoções profundas, tais como: paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, coragem, fraqueza e muitas outras.

Nesta perspectiva Daólio (2006), descreve que o futebol é uma prática social que expressa à sociedade brasileira, com todas as suas aspirações mais antigas, seus desejos mais profundos e suas contradições mais camufladas.

Outro fator importante para expansão do futebol e sua inserção na sociedade foi a mídia.

Para Gastaldo (2009) a expansão da prática deste esporte deu – se concomitantemente com sua profissionalização. Sua grande exposição na mídia e nos meios de comunicação também foram fatores preponderantes para sua disseminação entre as diferentes classes sociais.

No Brasil a história da disseminação do esporte confunde – se com a história dos meios de comunicação, uma vez que em São Paulo as primeiras sessões de cinema aparecem como compactos de jogos de futebol locais (Gastaldo, 2009).

Com o passar dos anos e a evolução nos meios de comunicação, e a entrada de

outros meios como a radiodifusão, fez com que nascesse uma escola brasileira de transmissão ao vivo de jogos de futebol, assim aumentou consideravelmente o número de frequentadores em estádios (Gastaldo, 2009).

Outro significado importante para exemplificar a idolatria pelo futebol e sua importância sociocultural, é o que Damo (2005) chama de "clubismo" e "pertencimento". O clubismo futebolístico, para o autor, é um sistema que dá suporte à produção e circulação de emoções a partir da adesão do indivíduo (torcedor) a uma dada agremiação (clube de futebol). A adesão que se observa no Brasil e em muitos países ocidentais tem como uma de suas peculiaridades o fato de ser única e imutável, ao inverso da tendência dos vínculos sociais modernos – mutáveis e fragmentados.

Para o autor, o pertencimento é herdado, salvo raras exceções, da parentela masculina sanguínea (avô, pai, tio, irmão), ou de amigos tão próximos que, do ponto de vista afetivo, são significados como parte da família – razão pela qual chamamos de "os clubes do coração". Conforme Damo:

O clube é uma entidade sagrada: por representar a coletividade; por ser o elo temporal entre o passado, presente e futuro; por espelhar pertencimentos extras futebolísticos e, sobretudo, por ser uma projeção, no indivíduo, dos afetos familiares.

Para o autor, torcer por um clube de futebol é a chave para entrar no universo dominado pelo movimento e pela prática corporal, requisitos indispensáveis para qualquer esporte. O domínio dos códigos do futebol possibilita ao indivíduo ter acesso a certas discussões que ocorrem sobre o tema, garantindo momentos de intensa sociabilidade. Damo (2005, p.50)

Para corroborar com Damo, trago um pensamento de Nelson Rodrigues de 1968 sobre o amor, que enaltece o sentimento de amor incondicional do brasileiro pelo seu clube: "...só quem ama conhece a eternidade. Todo o amor é eterno, e se acaba não era amor. O amor não morre. Morre o sentimento que apenas era uma imitação do amor, muitas vezes uma maravilhosa imitação do amor ..."

Damo (2005) constata que a sociedade brasileira está impregnada de futebol, e o maior exemplo disso pode ser visto no nascimento de uma criança (homem de preferência), quando ele recebe um nome,

uma religião e um time de futebol. Time que ele vai aprender a gostar e jamais vai pensar em trocar.

Nesse aspecto, Winisk (2008, p. 80) coloca que: "... o futebol foi assimilado e ressignificado no Brasil, onde se ocupou com galhardia a sobra de desocupação estrutural que o jogo oferecia, fazendo-o coletivo e individualista, pragmático e artístico, útil e inútil, surpreendente e belo, carnavalesco e trágico".

Daolio (2006) se propõe a explicar a paixão e a importância sócio cultural, indicando quatro aspectos do futebol que se relacionam com as características do povo brasileiro.

O primeiro ponto refere-se à busca da igualdade existente no futebol, para o autor os dois times apesar das diferenças financeiras têm as mesmas condições de vencer durante uma partida. As regras do desporto foram elaboradas visando manter esta igualdade, que a grande massa torcedora sabe que isto não acontece no seu trabalho, cidade e lazer.

A igualdade também se reflete na escolha do time, fato que não acontece fora do futebol. Pois há regras explícitas para pertencer a um grupo social, de universitários, de turistas etc.

O segundo ponto ressaltado pelo autor, é que o futebol é um esporte jogado basicamente com os pés. Esta prática com os pés é comparada com a capoeira, samba e algumas danças indígenas. É possível que o indivíduo brasileiro por ser uma união de "raças" tenha maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol do que indivíduos de outros países. Sobre esse aspecto, é importante ressaltar que, por ser um jogo praticado com os pés, a imprevisibilidade e a imperícia técnica tornam o jogo muitas vezes aleatório.

Um terceiro aspecto do futebol relaciona-se com a cultura brasileira refere-se à necessidade e a importância do drible numa partida. Como um drible no futebol é a vida da grande maioria dos brasileiros, tendo que dar um "jeito" para conseguir sobreviver.

O quarto aspecto do futebol é a permissão para a livre expressão individual. Apesar de um esporte coletivo, o futebol permite as iniciativas individuais. Na vida cotidiana, todos os indivíduos devem cumprir regras sociais, mas existe a necessidade de sentir-se como indivíduo único. Este exercício

é perfeitamente possível num esporte como o futebol.

Winisk (2008), contribuí na justificativa do amor que se consolidou no futebol fazendo uma comparação com outros esportes. Para Winisk, (2008, p. 79-80): "... o futebol pela singularidade da sua formulação, abre-se, mais do que os demais esportes, a uma margem narrativa que admite o épico, o dramático, o trágico, o lírico, o cômico, o paródico. Nele, o tempo da competição é mais distendido, alargado e contínuo do que no futebol americano, no vôlei, no basquete ou no tênis. A margem flutuante de acontecimentos que não se contabilizam, mas que são inerentes à trama continuada da partida.

No futebol há uma alternância muito maior da posse de bola entre as equipes antagonistas, uma margem maior de contingência e de irredutibilidade aos programas prévios. É isso que faz o futebol desinteressante ou incompreensível, para a maioria dos norte-americanos: ele não se presta a uma demonstração cabal e serial de competência, e não se estrutura como uma bateria de provas decisivas de performance.

Para o resto do mundo, por sua vez, essa faixa de gratuidade estrutural, essa margem improdutiva inerente ao ritmo do jogo, esse resíduo pré-moderno incluído na competição - elementos que a diversificam - permitiram identificar o futebol com a vida, e acabaram por fazer dele um campo hospitaleiro ao diálogo polêmico e não verbal entre populações do mundo inteiro".

O Brasil é um dos países da América Latina, que melhor sabe expressar esses sentimentos e oportunidades produzidos pelo futebol⁷. Através da cultura do futebol revelamos hábitos e costumes, e principalmente as identidades. O Futebol é sem dúvida um fenômeno de grande valor no quadro da cultura desportiva contemporânea.

Outro aspecto que tornou o brasileiro um apaixonado pelo futebol e incorporou esse esporte na sua maneira de viver, foram os ídolos em abundância que o futebol brasileiro produziu.

⁷ A formação do jogador de futebol e sua relação com a escola (Balzano e Morais, 2012) <http://www.efdeportes.com/efd172/a-formacao-do-jogador-de-futebol.htm>

*Artigo que foi questão nº 46, da prova de Linguagens, Ciências Humanas e Redação do ENEM (Exame Nacional do ensino Médio), no ano 2017.

Conforme Giglio (2007), o futebol possui um significado muito forte para o povo brasileiro. Para o autor, um dos pilares que sustenta esse significado são seus ídolos e heróis. Existe em torno dessas figuras uma mitologia que é criada e recriada. Dificilmente pensamos o futebol sem a presença do ídolo ou do herói.

Na mesma linha DaMatta coloca: "... sabemos que o futebol brasileiro se distingue do europeu pela sua improvisação e individualidade dos jogadores que têm, caracteristicamente, um alto controle da bola.

Deste modo, o futebol é, na sociedade brasileira, uma fonte de individualização e possibilidades de expressão individual, muito mais do que um instrumento de coletivização ao nível pessoal ou das massas. Realmente, é pelo futebol praticado nas grandes cidades brasileiras, em clubes que nada têm de recipientes de ideologias sociais, que o povo brasileiro pode se sentir individualizado e personalizado.

Do mesmo modo, e pela mesma lógica, é dentro de um time de futebol que um membro dessa massa anônima e desconhecida pode tornar-se uma estrela e assim ganhar o centro das atenções como pessoa, como uma personalidade singular, insubstituível e capaz de despertar atenções." (Damatta, 1982, p. 27).

Entendo ser muito importante este resgate da história, na escola, e fundamental para a disciplina de Educação Física a valorização nos seus conteúdos, do protagonismo do jogador afro-brasileiro⁸ brasileiro, e conseqüentemente seu tratamento como herói e ídolo, para a valorização e preservação da história esportiva brasileira.

Segundo Giglio (2007), o futebol foi, enquanto um ritual, apropriado e transformado em um elemento de nossa cultura. A cada geração foi transmitida toda a sua história. Muitas vezes, contadas a partir do relato oral, livros e imagens recuperadas dos grandes momentos do espetáculo esportivo, tornou-se um precioso elemento de identificação do povo brasileiro. Para o autor, diante de tal importância que o futebol possui em nossa

sociedade, os mitos esportivos expõem uma das faces das esperanças dos brasileiros.

Mas muitas vezes, como brasileiros, não valorizamos e esquecemos nos heróis e mitos muito rápido. Temos o costume de supervalorizar o que é de fora do Brasil, "os dos outros sempre é melhor que o nosso". Neste sentido me reporto ao escritor e radialista Nelson Rodrigues e seu conceito de "síndrome de vira-latas".

Paradoxalmente, é possível ainda constatar a existência de significativas "resistências" ao nível do reconhecimento do potencial educativo e formativo que esta modalidade "o futebol" tem, enquanto matéria de ensino.

Segundo Tempo

Uma Educação Física Transformadora com "o futebol"

O futebol como um dos principais fenômenos socioculturais do século XXI, é capaz de influenciar diversos segmentos da sociedade (econômico, político, cultural, social, etc.), abarcando uma gama de elementos subjetivos ao homem, como: paixão, emoção, empolgação, expectativa, frustração, etc. Devido a tais características subjetivas, o tema futebol não é fácil de ser analisado ou mensurado fielmente.

O pesquisador Freitas Júnior (2007), por exemplo, em uma de suas pesquisas, salienta as dificuldades em se trabalhar de forma acadêmica com este tema, por este ser carregado de uma diversidade sentimental, como a paixão, a vergonha, o ressentimento, o ódio, a solidariedade, etc. Para ele, compreendê-los é um grande desafio para o pesquisador das ciências sociais e humanas, pois, comumente, estes sentimentos contradizem as ações racionais, e nas pesquisas, há uma supervalorização da razão sobre a emoção.

Mas apesar dessas desconfiças, o futebol no Brasil demonstra bem este processo de assimilação e transformação cultural. Hoje, até achamos que o futebol foi uma invenção brasileira. Talvez seja mais apropriado falar numa reinvenção brasileira.

Nesta linha Freire (1998, p. 13), acrescenta dizendo: ... basta dar uma volta por aí, pelas areias das praias, pelas quadras de futsal, pelas ruas de terra ou de asfalto, por

⁸ Utilizo o termo "afro-brasileiro" quando estiver referindo-me a população de origem negra no Brasil. Fiz essa abordagem, amparado na Lei Federal n. 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que utiliza-se dessa terminologia. E utilizo o termo afrodescendente quando estiver apontando para a população negra para além do Brasil.

cada pedacinho de chão onde dê para rolar uma bola, que o observador atento descobrirá que o futebol para o brasileiro é uma grande brincadeira.

Na descrição acima, verifica-se que os meninos brasileiros nascem e crescem brincando/jogando com uma bola.

Desta forma tornando o futebol um produto cultural, originário de ressignificações de jogos e brincadeiras populares, representando simbolicamente a sociedade em que estão inseridos.

Para Busso e Daolio (2011), os seres humanos aprendem em família, na comunidade e outros universos socioculturais em que saberes são construídos para além da escola. O jogar bola é construído fora da escola e realizado por alunos em aulas, é fruto de uma totalidade humana, constituída por fatores culturais, sociológicos, psicológicos e biológicos interativos; a mensagem do jogar bola é demonstrar uma aprendizagem extraescolar acerca do futebol.

Para os autores estas características sugerem que alunos aprendem e gostam de jogar futebol em casa, ruas, condomínios, clubes e na própria escola, e estas vivências e compreensões ou aprendizagens extraescolares fundamentam-se na "simplicidade" do pensar e agir de modo a constituírem uma concepção de aprendizagem discente que pode ser aprofundada na escola.

Pois para Brandão (2002), o aprender escolar está entrelaçado com características próprias em relação à educação extraescolar, pois há uma unidade sociocultural de construção e transmissão de saberes por meio de tempo-espaco-circunstância, interações, conteúdos e metodologias pautadas em referenciais científicos para a obtenção de fins considerados formais (formação da cidadania, por exemplo).

Em relação ao futebol como produto cultural, a criança e o jovem vivem uma dicotomia ao ingressar na escola. Pois a bagagem motora e cultural advinda do futebol (aprendido na rua), é deixada de lado na escola, para que este jovem passe a ter um aprendizado sistemático, muitas vezes limitando sua criatividade, tomada de decisão consequentemente seu pensamento crítico.

Segundo Freire (1998, p. 3): A escola não é o único lugar onde aprendemos coisas importantes. A escola é importante, sem dúvida. Ela nos diploma, o que equivale, para

os desassistidos, a algumas cartas de alforria e, para os privilegiados, alguns passaportes para o poder.

Quase nunca a escola traduz as aspirações de seus alunos. Raramente leva em conta a bagagem cultural que acumularam durante anos e anos de experiência vivida. A escola procura transformar a todos em alunos, pacotes prontos de sabedoria.

A escola, que quer inserir-se na luta pela construção do homem pela transformação social, deve recordar que a cultura existente é determinante na formação do homem.

Entendo que o aluno chega à escola com uma série de saberes consolidados que lhe fornece uma certa visão de mundo e realidade, advinda das interações no ambiente onde nasceu e cresceu, sendo produto e processo do seu envolvimento com as diversas situações cotidianas vivenciadas.

É fundamental, que a escola investigue, no seu trabalho com os alunos e com a comunidade, quais são os traços culturais básicos e quais são os elementos de arbítrio e cultura presentes na vida do grupo, da comunidade, do Estado, do País e do continente (Gandin, 1995).

No regime instituído pela LDB de 1996, a escola é autônoma para elaborar sua proposta pedagógica. Em decorrência, aumenta a responsabilidade da escola e dos professores em relação à qualidade do ensino ministrado e do fazer pedagógico dos docentes (Brasil, 1996).

Desta forma, entendo que é preciso uma (re) significação para as práticas educativas, seja através de novos conteúdos ou dos tradicionalmente trabalhados nas aulas.

Na perspectiva de transformação do ensino tradicional⁹ da Educação Física, para uma proposta de ensino de transformação social, a disciplina de Educação Física, e consequentemente o futebol, devem ser tratados para uma visão além da prática esportiva.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), a Educação Física escolar é a área do

⁹ Conforme Daólio (2004), no modelo tradicional, a Educação Física não tinha como papel a socialização de conhecimentos aos alunos, mas tinha a função de treiná-los de maneira que eles se desenvolvessem aptos, destros, saudáveis, higiênicos e ao mesmo tempo, mantendo a ordem e as hierarquias sociais.

conhecimento que integra o aluno na cultura corporal do movimento, formando um cidadão capaz de produzi-la, reproduzi-la e transformá-la.

Para Vellozo (2009): "A aula de Educação Física é um local e um tempo de cultura. Primeiramente porque existe uma "cultura das aulas de Educação Física", isto é, elas se configuram como um fenômeno portador de significados, seja para os alunos, professores, pais, comunidade escolar ou extraescolar.

Este primeiro aspecto fica mais evidente quando compreendemos que as aulas de Educação Física são influenciadas por todo um conjunto de ações e representações que se estabeleceram ao longo da sua história, contribuindo para a constituição da sua tradição e identidade Vellozo (2009, p. 27).

Neste aspecto, a aula é o momento para o estudo destes elementos da cultura (futebol), que serão apropriados para serem discutidos e debatidos, praticados, criticados, repensados, re(s)significados, no exercício de produção de novas interpretações sobre a sua presença na sociedade.

Para os PCNs (1998), a Educação Física tem como objetivo desenvolver e estimular o lado biológico do homem, suas aptidões corporais e sensoriais e, concomitantemente, o lado emocional e cultural. Sob o ponto de vista das manifestações sociais, culturais e políticas, a Educação Física pode auxiliar no processo de inserção social do aluno na escola e na sociedade.

Conforme Daolio (2010):

"A Educação Física era uma disciplina responsável pelo ensino das técnicas esportivas, hoje é considerada componente curricular responsável pelo trato pedagógico dos conteúdos culturais.

De uma área que priorizava a aptidão física e o rendimento atlético, é reconhecida atualmente como área que aborda conhecimentos corporais culturais. De uma área que buscava justificativa científica para sua atuação apenas nas ciências naturais, recebe hoje grande aporte de subsídios teóricos das ciências humanas" Daolio (2010, p. 5-6)

O Ministério de Educação com a elaboração dos PCNs (1998), incorporaram nas disciplinas os chamados temas transversais, entre os quais o relativo à diversidade cultural,

possibilitando uma visão diferenciada, para a Educação Física.

Essa mudança é justificada porque uma ação humana não pode ser considerada isoladamente biológica, psicológica, social ou cultural, mas absolutamente integrada a todas essas variáveis.

A verdadeira aprendizagem é aquela que transforma o sujeito, ou seja, os saberes ensinados são reconstruídos pelos educadores e educandos e, a partir dessa reconstrução, tornam-se autônomos, emancipados, questionadores e inacabados.

Para Freire (1996, p. 26), "[...] nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo". O referido autor considera ainda que: "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (Freire, 1996, p. 21).

Entendo que os conhecimentos transmitidos e recriados na escola, ganham sentido quando fazem parte de uma construção dinâmica, entre os saberes escolares e os demais saberes.

Para Neira (2007), é importante questionar como e por que o conhecimento é construído de maneira como é, e como e por que certas interpretações da realidade são validas e exaltadas pela cultura dominante, enquanto outras não são.

Esses questionamentos segundo Neira (2007, p.127), [... ajudam-nos a entender a dificuldade em compreender e a enxergar como o poder atua e as intenções mais sutis e difusas presentes no jogo do poder cultural].

Em uma proposta transformadora da Educação Física se faz necessário, indagar como as percepções do senso comum são constituídas e vividas e como alguns saberes têm mais poder e legitimidade que os outros.

Nesse contexto para uma prática transformadora do ensino da Educação Física, creio que o futebol possa ser gerador da discussão de questões que modifiquem a realidade do no modelo tradicional de ensino dos esportes, pois o futebol é o esporte mais praticado no Brasil, faz parte da realidade sociocultural dos alunos, e é um saber constituído no senso comum.

Prorrogação**Movimentos de(s) coloniais no futebol brasileiro**

Para Escobar (2003), a modernidade como globalização atualmente está em todas as partes, já que esta é a radicalização e a universalização da modernidade europeia em todos os cantos do planeta.

Para Achinte (2012), o conhecimento produzido no Ocidente também resultou em regimes de representação que classificam e localizam sujeitos e culturas, estabelecendo os lugares e a supremacia daqueles que classificam e são classificados.

Segundo o autor, existe uma racialização e uma localização geográfica que coloca certos grupos em locais sociais e físicos específicos de forma casual, construindo relações de poder que resultam em marginalização, exclusão social e negação das particularidades de grandes setores populacionais em termos de linguagem, formas organizacionais, posse da terra, leis próprias, e sistemas produtivos, classificando-as como insignificantes e deixando-as fora da história ou reduzindo-as ao passado.

Graças à colonialidade¹⁰, a Europa pode produzir as ciências humanas como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente.

Neste sentido, o conhecimento local, o da “periferia” é colocado à margem. Em consequência, os saberes locais, em muitos casos não escritos, mas orais – representados pelos conhecimentos, valores, crenças, costumes, atitudes, cosmovisões, organização do trabalho, etc. – não entram na seleção, organização e materialização dos conteúdos escolares.

¹⁰ A colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente (Maldonado-Torres 2007, p. 131).

Para Mignolo (2008), o caminho para o futuro ante a colonialidade é a desobediência epistêmica, isto é, a proposição de um pensamento decolonial. “La actualidad pide, reclama, un pensamiento decolonial que articule genealogías desperdigadas por el planeta y ofrezca modalidades económicas, políticas, sociales y subjetivas “otras” (Mignolo, 2008, p. 45).

Para Walsh (2006, p. 170): La decolonialidad implica “algo más que ‘decolonización’, algo más que dejar de ser colonizados. Apunta los sentidos de no-existencia y e inferioridad, las prácticas estructurales e institucionales de racialización, subalternización y gene-ro-ización que siguen posicionando algunos sujetos (blancos, criollos y mestizos masculinos letrados) y sus conocimientos por encima de otros (indígenas, negros, femeninos).

Na perspectiva da decolonização do conhecimento, Achinte (2012) traz as “epistemes disruptivas”, segundo o autor, destinam-se a avançar para outros locais de produção do conhecimento que, como práticas sociais, formam novas referências, novas formas de ser e estar no mundo, novas formas de construção de sujeitos e subjetividades que assumem a separação epistêmica para produzir “[...] uma interculturalidade epistemológica que constrói novos critérios de razão e verdade (epistemes) e novas condições de conhecimento que não podem ser catalogadas de forma estática e cujos impactos e efeitos estão começando a se estender além da esfera política” (Achinte, 2012 citado por Walsh, 2002, p. 19).

Segundo Achinte (2012) citado por Rojas (2006, p.129): é uma questão de assumir a interculturalidade com o objetivo de rastrear, desvendar e desconstruir a lógica da dominação presente nas formas como o conhecimento e as lógicas de produção interagem, promovendo uma relação de paridade entre sujeitos e culturas, que poderia ser chamado de descolonização do conhecimento.

Para Grosfoguel, o rompimento da colonização eurocêntrica, ocorre através da desobediência epistêmica e civil decolonial que busca superar da modernidade eurocentrada a partir “[...] das cosmologias e epistemologias do subalterno, localizadas no lado oprimido e explorado da diferença colonial” (Grosfoguel, 2009, p. 407).

Observo que conhecimento organizado e estruturado na escola é baseado nos pressupostos da ciência moderna, a qual é resultado de uma intervenção colonialista epistemológica baseada na força, com características políticas, econômicas e militares atreladas ao capitalismo moderno imposto aos povos e culturas não-ocidentais.

Segundo Gandin (1995, p. 48), "Não há possibilidade, de fato, de pensar a cultura sem o crescimento, a valoração do personagem que a constrói e que dela faz parte".

Entendo que o futebol possa ser uma alternativa metodológica e epistemológica de de(s)colonização na Educação Física escolar, para o rompimento de um modelo hegemônico de ensino, através do reconhecimento e transmissão de movimentos de(s)colonias realizados pelas "pessoas do futebol".

Desejando ser na escola que o professor de Educação Física aproxima-se de questões relativas a formação integral pelo esporte, principalmente ao respeitar o conhecimento trazido pelo aluno no contexto extraescolar. Para que desta forma, ambos conheçam, compreendam e valorizem o esporte (futebol), numa visão mais ampla e transformadora.

No sentido da construção de uma Educação Física transformadora, trago alguns exemplos de movimentos de(s)coloniais realizados pelas "pessoas do futebol", que podem ser referências nas aulas de Educação Física, movimentos nos quais o professor pode articular como forma de produção de saberes, considerando as vivências, concretas e simbólicas, dos sujeitos envolvidos na construção do saber, na busca da de(s)colonização do conhecimento escolar.

Movimentos de(s)coloniais:

- a) **LIGA DAS CANELAS PRETAS** - No Rio Grande do Sul, a dificuldade do ingresso dos negros na cultura do futebol, não foi diferente do centro do país. Um fato relevante segundo Jesus (2001), para o ingresso do negro no futebol gaúcho, foi à criação da Liga da Canela Preta. Para o autor, é difícil precisar o momento de fundação da Liga "Nacional" de Football Porto-Alegrense, ou seja, a liga dos negros. Tudo começou segundo Jesus (2001) com a discriminação naturalíssima, na época, praticada pela

Liga Metropolitana (liga dos times de elite). Ali, só podiam jogar times de homens brancos. Em resposta, os Canelas Pretas estabeleceram sua liga entre 1910 e 1915, atingindo grande reconhecimento na década de 1920. Conforme Jesus (2001), foi pelo futebol que o negro manteve a resistência e as suas raízes culturais. Na época, os grupos populares utilizavam-se das associações de futebol e blocos carnavalescos como meio para garantir a continuidade de suas descendências culturais, usando o disfarce do futebol para escapar da perseguição estatal.

- b) **C.R. VASCO DA GAMA** - Segundo Rodrigues Filho (2003), na década de 20 a presença de negros e mulatos era marcante em clubes como Vasco, Bangu, Bonsucesso e São Cristovão. Ainda assim, alguns clubes resistiam a essa integração. E as conquistas de Flamengo, América e Bangu na virada entre os anos 1920 e 1930 davam justificativas a quem defendia essa posição. Mesmo com tantas barreiras impostas à sua participação na competição realizada pelos clubes de elite (Flamengo, Fluminense, Botafogo), o Vasco encontrou uma solução: unir-se aos outros clubes excluídos e realizar um campeonato paralelo em 1924. Essa liga fundada pelo Vasco e clubes da periferia do Rio de Janeiro, levaram mais público aos estádios que a liga dos clubes de elite. E quando da conquista vascaína do título carioca com um time recheado de negros, brancos pobres e analfabetos, as ligas e os grandes clubes tiveram de repensar a proibição dessas pessoas no futebol "oficial", a remuneração dada a esses jogadores, e a imagem do atleta de futebol da época. Foi com o movimento original do Vasco da Gama, que se deu os primeiros passos para a profissionalização no futebol brasileiro.
- c) **AFONSINHO** - Conforme Souza (1998), Afonsinho, que, por usar cabelos compridos e cultivar uma longa barba ruiva, foi proibido de jogar futebol (e mesmo de treinar) no Botafogo, embora seu nível técnico fosse considerado bom o suficiente para integrar a Seleção Brasileira.

Diante da proibição de trabalhar, Afonsinho iniciou uma batalha jurídica e política, acabando por obter, em 1971, em plena ditadura militar, a propriedade de seu próprio passe, ou seja, conseguiu o passe livre, tornando-se o primeiro jogador de futebol "alforriado" do Brasil. Acabou virando um símbolo do futebol ao se tornar o primeiro jogador a conseguir passe livre, ou seja, o direito de ir para outro clube ao final do contrato.

d) **COLIGAY** - Segundo Garchemann (2014), a Coligay nasceu em Porto Alegre em 1977, durante a ditadura, no governo do ditador gaúcho Ernesto Geisel, cujo antecessor havia sido outro ditador gaúcho, Emílio Garrastazu Médici. A Coligay foi uma torcida organizada do Grêmio formada por homossexuais. Mais precisamente, por frequentadores da boate gay Coliseu, de Porto Alegre. Foram alegres heróis que tiveram o desprazer de desafiar o templo do futebol, até então restrito a cultura machista da sociedade. A Coligay foi formada por rapazes que desejavam apenas torcer para seu clube de coração, sem concessões à hipocrisia, mas acabaram subvertendo paradigmas. Passados quase 40 anos, homossexualidade ainda é um tabu no ambiente futebolístico. Mas, durante seus cinco anos de atividade, a Coligay mostrou, a cada jogo, que não há maior frescura do que o preconceito.

e) **DEMOCRACIA CORINTIANA** - Segundo Sócrates (2012), a Democracia Corinthiana foi um movimento ocorrido no futebol brasileiro, especificamente no time paulistano Corinthians, na década de 1980. O período de duração desse movimento foi de dois anos (entre 1982 e 1984). Se por um lado parece um longo período para que um grande clube futebolístico atuasse sem poder centralizado; por outro lado foram apenas dois anos que marcaram toda a história do futebol brasileiro, e provavelmente, mundial. O Brasil vivia numa época de ditadura, o que significava que as pessoas não tinham direito à escolha de seus representantes políticos.

Nesse contexto, o movimento consistia na ideia de que todas as decisões tomadas pelo clube, na área de futebol, deveriam ser votadas antes, de modo que

todos os participantes, dirigentes, atletas ou equipe de apoio, tinham direito a um (1) voto. O movimento foi fortalecido por três jogadores politizados, Sócrates, Casagrande e Wladimir, cuja influência acabou se estendendo por todo o time.

Nesse sentido, envolvido na experiência de igualdade de opiniões, o Corinthians representava uma força política bastante intensa em momento de ditadura. Os jogadores vestiam camisas por baixo da camisa oficial de competição com dizeres contrários à política da época: "eu quero votar para presidente" e "diretas já" eram alguns dos dizeres que se tornaram campanha do time corinthiano de futebol, e que logo foi assumida pelas torcidas organizadas do clube.

f) **RESPEITO F.C.** - Com o intuito de tornar o estádio de futebol o "lugar mais democrático do mundo" e combater atos de racismo, machismo e homofobia no futebol brasileiro, um grupo de jornalistas se reuniu e resolveu criar o movimento Respeito Futebol Clube. O movimento surgiu após a jornalista Ana Clara Ferrari presenciar torcedores hostilizarem o colega de profissão Mário Marra, por ele ter feito críticas à apresentação de mulheres com roupas íntimas durante lançamento dos novos uniformes do Atlético (MG), em fevereiro de 2016. Também participam do movimento, os jornalistas Marco Aurélio Carvalho, Renata Mendonça, Wagner Prado e a ex-jogadora Juliana Cabral (Matsuki, 2016).

Segundo Ellen Braga uma das integrantes do grupo: "...os amantes do futebol podem fazer algo diferente. O mesmo esporte que serviu de difusor da democracia no país tem força e peito para fortalecer a defesa da diversidade, o meio-campo do diálogo e o ataque ao preconceito...". (<http://www.ebc.com.br/esportes/2016/03/respeito-fc-movimento-discute-racismo-machismo-e-homofobia-no-futebol>. 28/3/2016).

No momento em que o ódio parece estar à flor da pele, caminhando ao lado da intolerância, o Respeito Futebol Clube

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

entra em campo para fomentar o respeito e a diversidade.

O que todos nós precisamos é uma volta diferente, uma volta que parta não de luta de classes, mas da luta da descolonialidade, mostrando a cumplicidade da modernidade - colonialidade como um marco central que continua a organizar e orientar " as ciências "e o pensamento acadêmico-intelectual (Walsh, 2007).

CONCLUSÃO

Decisão por pênaltis

Entendo que os caminhos da emersão, em busca da transformação social, passam pela necessidade de consolidar metodologias investigativas que democratizem o conhecimento, pois controlar a produção, a circulação e o consumo de conhecimentos e saberes, carrega tanto as condições de uma efetiva contribuição na manutenção das relações de injustiça e dominação, como pode alavancar a construção de alternativas transformadoras das realidades locais e amplas.

Nesse sentido, trata-se de encarar a dominação do conhecimento colocando "o sul", como a possibilidade da reinvenção da emancipação social.

Dentro da diversidade de processos realizados em diversos setores da sociedade, é possível encontrar elos que unem essas propostas, como um povo com uma memória em comum (futebol) e com possibilidades de construir um destino compartilhado, na busca utópica de não ser o que não somos.

Algumas pessoas escolheram levar adiante essas essências e propostas do futebol brasileiro, tornando seu ofício, como se fossem movimentar a roda do tempo em seu ritmo próprio. Utilizando-se desse esporte em um movimento cultural, social e humano, proporcionando novas memórias emocionais, afetivas e culturais as novas gerações.

As memórias não envelhecem, tem a idade que sempre tiveram. Estou com saudade daquele futebol brasileiro, de uma parte específica desse futebol.

Pretendo com este ensaio resgatar aqueles movimentos realizados no futebol, que me emocionou e me fez sonhar com um país

melhor, na busca de uma transformação social.

REFERÊNCIAS

1-Achinte, A. A. Epistemos "otras". Epistemes disruptivas? KULA. Antropólogos del Atlántico Sur. Núm. 6. Abril. 2012. p. 22-34. Disponível em:

<http://www.revistakula.com.ar/wpcontent/uploads/2014/02/KULA6_2_ALBAN_ACHINTE.pdf> Acesso em: 27/09/2017.

2-Brandão, C. R. A educação como cultura. Campinas. Mercado das Letras. 2002.

3-Brasil. Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece diretrizes e bases da educação nacional". 1996.

4-Brasil. Parecer nº 15, de 2 de junho de 1998. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. 1998.

5-Busso, G. L.; Daolio, J. O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar: encontro, confronto e atualização. Rev. Bras. Ciênc. Esporte. Vol. 33. Núm. 1. p. 69-86. 2011.

6-Candau, V. M. F.; Oliveira, L. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. Educação em Revista. Belo Horizonte. Vol. 26. Núm. 1. p.15-40. 2010.

7-Castilho, N. M. Pensamento decolonial e teoria crítica dos direitos humanos na América Latina: um diálogo a partir da obra de Joaquín Herrera Flores. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2013. Disponível em <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/00000A/00000A6C.pdf>> p.12-13. Acesso em: 14/11/2017.

8-Damatta, R. (Org.) Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro. Pinakothke. 1982.

9-Damo, A. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese de Doutorado. Universidade

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

- Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2005.
- 10-Daolio, J. Educação Física e o conceito de cultura. Campinas. Autores associados. 2004.
- 11-Daolio, J. (Org.). Cultura: educação física e futebol. Campinas-SP. UNICAMP. 2006.
- 12-Daolio, J. Educação Física escolar: olhares a partir da cultura. Grupo de Estudo e pesquisa Educação Física e Cultura-GEPEFIC. Campinas. Autores associados. 2010.
- 13-Escobar, A. Mundos y conocimientos de otro modo. Tabula Rasa. Núm. 1. p.51-86. enero-diciembre de 2003.
- 14-Freire, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire. Paz e Terra. 1996.
- 15-Freire, J. B. Pedagogia do futebol / João Batista Freire. Midiograf. 1998.
- 16-Freitas Júnior, M. A. Razão e paixão no futebol: tentativas de implementação de um projeto modernizador. In Ribeiro, L. (org.). Futebol e Globalização. Jundiaí-SP. Fontoura. 2007. p. 213 - 233.
- 17-Galeano, E. Futebol ao sol e sombra. Porto Alegre: L&PM. 2002.
- 18-Gandin, D. Escola e transformação social. 3ª edição. Vozes. 1995.
- 19-Garchemann, L. Coligay, Tricolor e de Todas As Cores. Editora Libretos, Porto Alegre, 2014.
- 20-Gastaldo, É. "O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. Sociologias. Núm. 22. 2009.
- 21-Giglio, S. S. Futebol: mitos, ídolos e heróis. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP. 2007.
- 22-Giulianotti, R. Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Nova Alexandria. 2002.
- 23-Grosfoguel, R. Para decolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In Santos, B. S.; Meneses, M. P. (Orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra. Edições Almedina. 2009. p. 383-417.
- 24-Jesus, G. M. Esporte e mito da democracia racial no Brasil: Memórias de um apartheid no futebol. 2001. Lecturas: Educación Física y Deportes Revista Digital. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd14b/apart.htm>> .Acesso em: 25/05/2017.
- 25-Kunz, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. 4ª edição. Ijuí: Ed. Unijuí. 2001.
- 26-Kunz, E. Didática da educação física 3: futebol/ Org. Eleonor Kunz. In Homrich, C. A. e Souza, J. C. C. Para além da questão técnica do ensinar/aprender futebol: outras possibilidades. 3ª edição. Ijuí. Unijuí. 2013.
- 27-Maldonado-Torres, N. "Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto", em Castro-Gómez, S.; Grosfoguel, R. (coords.) El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores. Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos. Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2007.
- 28-Massolo, M. A história oficial e o futebol. ECOS da III Conferência Nacional de Educação Cultura e Desporto, Comissão de Educação Cultura e Desporto da Câmara de deputados. Brasília. TBA Informática e UNESCO. 2002. p. 24-25.
- 29-Matsuki, E. Respeito FC: movimento discute racismo, machismo e homofobia no futebol. EBC. em: <<http://www.ebc.com.br/esportes/2016/03/respeito-fc-movimento-discute-racismo-machismo-e-homofobia-no-futebol>> Acesso em: 27/09/2017.
- 30-Mesquita, I. Perspectiva construtivista da aprendizagem no ensino do jogo. Jogos Desportivos: formação e investigação. Coleção temas em movimento. (org. Juarez Vieira do Nascimento; Valmor Ramos; Fernando Tavares). Vol. 4. Florianópolis, 2013.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

31-Milan, B. O país da bola. São Paulo. Best. 1989.

32-Mignolo, W. Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte. Editora da UFMG. 2003.

33-Mignolo, W. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF. Núm. 34. p. 287-324. 2008.

34-Neira, M. G. Ensino de educação física. Coletânea Ideias em Ação. São Paulo. Thomson Learning. 2007.

35-Rinke, S. La última pasión verdadera/ historia del fútbol en América Latina en el contexto global. Madrid: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2007.

36-Rodrigues Filho, M. O negro no futebol brasileiro. 4ª edição. Rio de Janeiro. Mauad. 2003.

37-Souza, K. M. de. Prezado amigo Afonsinho. Método Editora. 1998.

38-Socrates; G. R. Democracia Corinthiana: a utopia em jogo. São Paulo. Editora Boitempo, 2012.

39-Velozo, E. L. Cultura de movimento e identidade: a Educação Física na contemporaneidade /Emerson Luís Velozo. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n], 2009.

40-Walsh, C. “De-colonialidad e interculturalidad: reflexiones (des)de proyectos políticos epistémicos”, en. Modernidad y pensamiento descolonizador. Memorias seminario internacional. Mario Yapu (compilador), Universidad par la Investigación estratégica en Bolivia U-PIEB. La Paz. 2006. p. 169-183.

41-Walsh, C. Son posibles unas ciencias sociales/ culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. Nómadas (Col). Núm. 26. 2007. p. 102-113.

42-Wisnik, J. M. Veneno remédio o futebol e o Brasil. Companhia das Letras. 2008.

Recebido para publicação em 26/11/2017
Aceito em 01/01/2018